
JOSÉ SARAMAGO: RETRATOS DO AUTOR PELA SUA ARTE¹

José Saramago: the author's portrayal from his art

Adriana Marcon²

RESUMO: O presente artigo tem o intuito de mostrar como o escritor português José Saramago (1922-2010) foi um artista que, ao longo de sua trajetória literária, preocupou-se em deixar resquícios autobiográficos, configuradores de um legado não apenas literário como também existencial. Para atingir esse propósito, foi feito um panorama das obras e textos em prosa do autor que apresentam visada memorialística, centrando-se em duas, consideradas como ponto inaugural e ponto de chegada de um projeto autobiográfico: no romance *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977) que, por possuir laivos memorialísticos, é o prenúncio do retrato da arte/escrita exercida por Saramago na sua produção literária vindoura, e em *As Pequenas Memórias* (2006), sua autobiografia propriamente dita, que exhibe o retrato do artista/escritor nos tempos juvenis.

PALAVRAS-CHAVE: autobiografia; ficção; José Saramago.

ABSTRACT: This paper has the objective to show how the portuguese writer José Saramago was an artist that, during his literary trajectory, was worried about leaving autobiographical vestiges in his literature. These aspects constituted not only a literary legacy, but also the legacy of a life. To reach such aim, it was made a panorama from the author's works and narrative texts that present some autobiographical aspects, focusing in two books that are considered the initial point and the last point of an autobiographical project: the novel *Manual of Painting and Calligraphy* (1977) has some autobiographical aspects and it is the sign of the art/ writing exercised by Saramago in his future literary production; *Memories of my Youth* (2006) is his proper autobiography and shows the portrayal of the artist/writer in his childhood.

KEYWORDS: autobiography; fiction; José Saramago.

O QUE PODE HAVER NA TUA VIDA QUE VALHA O TRABALHO DE CONTAR?

Essa questão, levantada pelo escritor português José Saramago (1922-2010) desde os tempos do romance *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977), responde em boa parte pelos vestígios autobiográficos na sua literatura. Em entrevistas e em seus textos, o escritor confessou que

1 Este artigo é resultante de revisões e acréscimos sobre assuntos desenvolvidos, previamente, em dissertação de minha autoria intitulada, "Retratos da arte e do artista: projeto autobiográfico de José Saramago", defendida em Jan/ 2014 na UNESP – Faculdade de Ciências e Letras, campus Assis/SP.

2 Professora da Universidade Metodista de Piracicaba e Doutoranda em Letras, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

experiências particulares, normalmente relacionadas ao universo infantil, foram determinantes para a gênese e o sentido de outros mundos, efabulados em construções romaneadas.

Filho e neto de agricultores, nascido em 1922, na província do Ribatejo, Saramago aos dois anos mudou-se para Lisboa, onde passou boa parte de sua vida, embora até a adolescência tenham sido numerosas as estadias em Azinhaga, sua freguesia natal. As lembranças juvenis perduraram ao longo de anos, manifestando-se, numa primeira instância, nas crônicas de *Deste mundo e do outro* (1971). Nelas, a visada memorialística está, por vezes, baseada em fatos retirados da memória do autor, como o ambiente, a cultura e as situações mais sutis do cotidiano anônimo.

Há textos dedicados às pessoas que marcaram a vida do Saramago menino, como: “O sapateiro prodigioso”, crônica dedicada a Francisco Carreira, “um sapateiro da minha aldeia, nos anos 30, a falar de Fontenelle” (SARAMAGO, 2006, p. 116), “Carta para Josefa minha avó”, dedicada à sua avó Josefa Caixinha, e “O meu avô também”, dedicada ao avô Jerónimo Melrinho. Para Ana Paula Arnaut (2007, p. 1-5), as crônicas “As Bondosas”, “A aparição”, “Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio” e “O cego do harmónio” também agregam matizes autobiográficos³.

As crônicas de *A bagagem do viajante* (1973) não apresentam com tanto fervor laivos memorialísticos, porém há o despontar de uma preocupação do autor que parte tanto de experiências adquiridas de outras leituras, como também de experiências próprias. O narrador encontra-se distante do conteúdo relatado. Em certos momentos esse afastamento é abolido, mesclando-se o autor e sua história com o narrador, sem a preocupação de separar vida e invenção.

“Retrato de Antepassados”, crônica desenvolvida com características fortes da oralidade, é supostamente dedicada aos avós maternos, humildes agricultores, pois ressalta pessoas comuns – que por não serem importantes e influentes – não têm passado e nem registro histórico; “E também aqueles dias” conta as vezes em que Saramago ajudava seu avô e seu tio a levar os porcos para serem vendidos na feira de Santarém; “O melhor amigo do homem” relata seu temor aos cães e discorre sobre o professor Vairinho e “Molière e A Toutinegra” remete à educação autodidata do autor⁴.

Ainda sobre a incidência autobiográfica, pode-se pensar em “Desforra”, conto incluído no livro *Objecto quase* (1978), caracterizado pelo

3 José Saramago. *Deste mundo e do outro*. Lisboa: Caminho, 1986. As crônicas referenciadas encontram-se, respectivamente, nas seguintes páginas: 23, 27, 29, 39, 19, 35 e 61.

4 José Saramago. *A bagagem do viajante*. Lisboa: Caminho, 1986. As crônicas mencionadas encontram-se nas seguintes páginas, respectivamente: p. 11, 23, 71 e 19.

fantástico e pela forte tendência para a narrativa metafórica⁵. Apesar da explosão do ‘faz-de-conta’, o texto apresenta características que serão, posteriormente, observadas na autobiografia do autor, *As Pequenas Memórias* (2006), como a semelhança na descrição de paisagens e lugares, a figura de um menino humilde, um ambiente campesino e a última lembrança do livro, episódio em que Zezito encontra um casal em ato adúlterino, semelhante ao narrado em “Desforra”, devido a seu aspecto fantástico e ambíguo.

Em *As pequenas Memórias*, livro de recordações que abrange o período entre quatro e quinze anos da vida do autor, Saramago menciona, também, fatores dos tempos juvenis contribuintes para o enredo de certos romances, caso de *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977), *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991) e de *Todos os Nomes* (1997):

No *Manual de Pintura e Caligrafia* escrevo, em certo momento, sobre as mulheres que levavam para despejar na dita pia, cobertos por um pano, em geral branco, os vasos receptores das dejecções nocturnas e diurnas, também chamados bacios ou penicos [...]. (SARAMAGO, 2006, p. 52)⁶;

Uma outra lembrança (que já evoquei no *Manual de Pintura e Caligrafia*) é a do desassossegador caso da tia Emília [...] Um dia, as mulheres da casa foram encontrá-la estendida no chão do seu quarto, de costas, com as pernas abertas e as saias levantadas, cantando não me lembra o quê, enquanto se masturbava. (*ibid.*, p. 106)⁷;

É também desse tempo o descobrimento do mais primitivo dos frescos que já me passaram pela garganta: uma mistura de água, vinagre e açúcar, a mesma que viria a servir-me, com exceção do açúcar, para, no meu *Evangelho*, matar a última sede de Jesus Cristo. (*ibid.*, p.54);

5 José Saramago. *Objecto Quase*. Lisboa: Caminho, 1986. O respectivo conto está na p. 133-138.

6 José Saramago. *Manual de Pintura e Caligrafia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. A passagem mencionada encontra-se na p. 137.

7 (*ibid.*, p. 137).

A história do Francisco, porém, não se acaba aqui. Sinceramente, penso que o romance *Todos os Nomes* talvez não tivesse chegado a existir tal como o podemos ler, se eu, em 1996, não tivesse andado tão enfronhado no que se passa dentro das conservatórias de registo civil... (*ibid.*, p.115).

Por ser *As Pequenas Memórias* um registo de cunho autobiográfico é previsível o aparecimento de referências intratextuais, pois nenhum autor suspende a história da sua vida para escrever seus livros. Nos dois primeiros excertos, a obra referenciada é *Manual de Pintura e Caligrafia*. No segundo, a evocação do “mais primitivo dos frescos” fez com que o narrador, no ato enunciativo, associasse essa bebida a uma passagem de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, obra que apresenta uma polémica releitura bíblica. Já a busca incessante por informações precisas sobre a morte de seu irmão Francisco, no ano de 1996, contribuiu para a elaboração de *Todos os Nomes*. Este último romance apresenta um impulso autobiográfico que parte de um dado da memória e faz com que Saramago insira na narrativa o tema abrangente da procura da identidade, associada não só à procura por maiores informações sobre Francisco, como também à busca do autor pelo próprio nome, uma vez que o nome Saramago não correspondia ao sobrenome de seu pai, José de Sousa, mas sim a um apelido da família, indevidamente acrescentado pela pessoa que fez o registo de seu nascimento.

Em 1982, Saramago distancia-se no tempo quando publica *Memorial do convento*, romance que conta a história da construção do convento de Mafra, ocorrida no século XVIII. É uma obra multifacetada que abarca ao mesmo tempo uma visão histórica, individual e coletiva, e que, de certo modo, foi influenciada por uma visita que Saramago ainda menino fez ao local, comentada em *As Pequenas Memórias*.

Andando eu, pela minha pouca idade, tão falto de informações sobre o mundo das estátuas e sendo a luz que havia na capela tão escassa, o mais provável seria que não me tivesse apercebido de que o desgraçado Bartolomeu estava esfolado [...]. Um horror. No *Memorial do Convento* não se fala de S. Bartolomeu, mas é bem possível que a recordação daquele angustioso instante estivesse à espreita na minha cabeça quando, aí pelo ano de 1980 ou 1981, contemplando uma vez mais a pesada mole do palácio e as torres da basílica, disse às

peças que me acompanhavam: “Um dia gostaria de meter isto dentro de um romance”. (SARAMAGO, 2006, p. 72).

A menção a tais obras apresenta uma faceta memorialística, da qual Saramago irá se valer mais adiante para a composição da sua autobiografia. Tais referências “remente”⁸ ao cumprimento das tentações autobiográficas que rondavam o imaginário do autor desde os tempos em que escrevia crônicas e contos. Além disso, *As Pequenas Memórias* resulta da necessidade de reorganizar seu percurso literário, bem como de compreender melhor a vida. Ao contrário do que acontece em textos anteriores, as alusões à infância, deliberadamente reportadas em *As Pequenas Memórias*, conforme Odil Oliveira Filho (2008, p. 11), se insinuam como perspectiva futura, se comparadas ao tempo do enunciado.

À exceção de sua autobiografia, os *Cadernos de Lanzarote*, por tratar-se de diários íntimos do autor, são textos em que a prática autobiográfica aparece mais contundente. A partir de 1994, quando residia em Lanzarote, Ilhas Canárias, Saramago começa a escrita destes diários em que retrata, dentre outros assuntos, o viver longe da pátria, em que cada dia é uma aventura registrada. Durante a leitura destes diários, percebe-se que as ‘pequenas memórias’ da época em que viveu em Azinhaga passam a ser anunciadas (mais uma vez) como obra que está sendo planejada⁹. A primeira edição destes diários foi publicada em 1994 e, sucessivamente, um por ano até 1998 foram publicados cinco volumes pela Editora Caminho.

Para Oliveira Filho (2008, p. 3), o registro autobiográfico de José Saramago começa, efetivamente, nos *Cadernos de Lanzarote*. As anotações íntimas permitiram que o leitor encontrasse as tribulações que a notoriedade impôs à vida do autor - elevado à condição de grande intelectual e romancista - e acompanhasse os caminhos tortuosos da confecção de alguns livros, suas reflexões políticas e ideológicas e acontecimentos pessoais do seu dia-a-dia.

Dando continuidade às anotações diárias, *O Caderno* (2008) e *O Caderno 2* (2009) reúnem textos postados por Saramago em seu *blog*. Eles equivalem a comentários de episódios cotidianos, como também a um diário intelectual e sentimental em que aparece poesia; os autores que o motivavam; suas inquietações e opiniões acerca de acontecimentos e figuras reconhecidas mundialmente, como Barack Obama, atual presidente dos Estados Unidos da

8 Neologismo de minha autoria, criado com a finalidade de mostrar que as referências autobiográficas em *As Pequenas Memórias* ‘remetem’ – e ‘mentem’ – ao cumprimento dos impulsos autobiográficos de Saramago.

9 José Saramago. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. As anotações do dia 6 de maio (p. 31) e 19 de agosto (p. 104-105) comprovam essa afirmação.

América, e George W. Bush, político e ex-presidente estadunidense. Além disso, escreve sobre pessoas comuns que, de uma maneira ou outra, contribuíram para fazer um mundo melhor. Estes livros são uma nova versão dos *Cadernos de Lanzarote*, uma percepção especial do que acontece ao redor do escritor, em outras palavras, uma tentativa de preencher as ‘lacunas’ deixadas pelas *Pequenas Memórias*.

RETRATOS DO AUTOR PELA SUA ARTE: SOBRE *MANUAL DE PINTURA E CALIGRAFIA* (1977) E *AS PEQUENAS MEMÓRIAS* (2006)

Os comentários a seguir centrar-se-ão em *Manual de Pintura e Caligrafia* e *As Pequenas Memórias* consideradas, respectivamente, como ponto inaugural e final do projeto autobiográfico de Saramago.

A primeira obra, romance com matizes autobiográficos, seria uma biografia em nível intelectual de um Saramago que pensa a respeito da Arte, refletindo sobre sua experiência como escritor, bem como sobre o papel do intelectual na sociedade, para que assim possa encontrar uma identidade literária. O enredo trata da história de um pintor acadêmico e retratista, denominado simplesmente pela inicial H., que, desencantado com o tipo de arte que exercia, busca na caligrafia um novo instrumento para alcançar aquilo que no âmbito pictórico era inexprimível, uma vez que chega um momento em que a tela repele o artista, permitindo nenhuma pincelada a mais, ao passo que a escrita propicia um espaço de experimentação e expressão de ideias infinito.

A segunda, conforme comentado anteriormente, é sua autobiografia propriamente dita, em que há um escritor que faz uso da arte aprendida no *Manual* para falar sobre si quando criança. Nela, o autor busca, a partir deste reencontro, a identidade de alguém que já está em vias de deixar a vida.¹⁰

Acompanhar os caminhos de Saramago pelas veredas literárias afirma a impossibilidade de ele, ou de qualquer outro indivíduo, condensar-se numa autobiografia. Dada a inviabilidade de colocar a totalidade de uma vida na narrativa, seu projeto autobiográfico equilibra-se entre invenção e realidade, entre a clareza das palavras e a obscuridade do resgate das lembranças. Deste modo, por Saramago considerar a não dissociação entre

10 Saramago publica *As Pequenas Memórias* em 2006. Ele falece no dia 18 de Junho de 2010 em Lanzarote, Ilhas Canárias.

autor e obra, marcas da sua personalidade aparecem diluídas na caracterização de alguns personagens. O autor declara:

Não sendo eu um escritor que copie personagens da vida real, mas havendo, como parece que há nos meus livros, umas quantas personagens suficientemente sólidas para que se lhes reconheça um estatuto de personagens de ficção, então, se eu não as vou buscar lá fora, está claríssimo que só as posso ir buscar dentro de mim. Dentro de mim, mas não como cópias, que por sua vez seriam cópias dessas minhas diferentes personalidades, antes como hipóteses, ou nem sequer como hipóteses, porque em momento nenhum eu me sinto representado numa personagem de romance. Há certas características que posso reconhecer em mim, coincidindo com algumas características de personagens: há muito de meu no Raimundo Silva, há alguma coisa de meu no herói, no pobre do herói do livro que estou a escrever, há talvez alguma coisa de meu no Baltasar, não há nada de meu nas mulheres, são todas elas imaginárias, no sentido total, não são cópias de mulher nenhuma. Pode dizer-se que o pintor do *Manual de Pintura e Caligrafia* se aproxima bastante de mim, mas, se tive alguma vez a tentação de me usar como matéria de ficção, creio que ela se esgotou aí. (SARAMAGO *apud* REIS, 1998, p. 100).

As possíveis intersecções entre Saramago e H. estão no fato de que ambos ensaiam e experimentam um novo percurso: Saramago no âmbito romanescos, H. na pintura e na descoberta de um código (escrita) que possibilita uma nova representação do mundo. Além das expectativas de ensaiar um novo estilo artístico, tais relações são percebidas nas ideologias do narrador que correspondem às do autor, como a descrença na existência de um Deus; o posicionamento político, voltado para um regime de esquerda; a conduta estética singular e certos episódios correspondentes à infância do escritor. Estas influências autobiográficas oblíquas reaparecerão mais tarde em *As Pequenas Memórias*, na escrita madura de um Saramago que desnuda as emoções dos tempos juvenis.

Pensando-se nos vínculos prováveis entre as duas obras e considerando-se o percurso do autor, pode-se crer que a vida e a literatura de Saramago foram consolidadas a partir de uma série de ‘nascimentos’. No âmbito pessoal, este fato é verificado nas diversas ocupações que exerceu,

como a de serralheiro mecânico, desenhista, funcionário público, tradutor, jornalista, editor e, finalmente, escritor.

No âmbito literário este constante renascer é verificado nas diversas facetas da sua produção literária: de cronista a contista, poeta, dramaturgo, ensaísta, romancista, memorialista e autobiógrafo. É importante salientar que a passagem de um Saramago para outro, como a do romancista para o autobiógrafo, não acarreta o apagamento do primeiro, mas sim soma experiências que contribuem, cada vez mais, para uma estética plural e inovadora.

Neste sentido, *Manual de Pintura e Caligrafia* e *As Pequenas Memórias* representam momentos importantes da trajetória do escritor. Na primeira obra, Saramago, transfigurado na personagem H., coloca-se na posição de um artista “por nascer” (SARAMAGO, 1992, p. 6). Em meio a uma procura intelectualizada, a dimensão tomada pela sua escrita é a de intervenção social, de veículo transmissor das suas ideias sobre a arte, sociedade, história e política. Tem por objetivo inquietar seus leitores, levando-os a refletir não só sobre estas questões, como também sobre o que é a verdade e o que é a ficção na pintura, na escrita e na vida.

Já a segunda obra não representa esta mesma tensão existencial e estética, mas não deixa de mostrar um outro nascimento. Em *As Pequenas Memórias* não há mais um artista em crise, o balanço que Saramago faz é diferente: registra episódios significantes da sua vida e, por intermédio da escrita, renasce nas suas origens, recuperando os melhores momentos em Azinhaga, lugar físico do seu primeiro nascimento. Mas, por que Saramago escreve sobre sua pequena intimidade, mostrando aos seus leitores um passado que só a ele pertence?

Quiçá esta interrogação encontre correspondência em outra, que Saramago fez a si próprio: “E donde é que este gajo saiu?” (SARAMAGO, *apud* MENDES, p. 118). Nas palavras do autor, ele não saiu da universidade, de um grupo de intelectuais, não saiu de parte alguma. Contudo, pode-se pensar e, talvez essa também tenha sido a opinião do escritor, que ele saiu de Azinhaga, o que explicaria o ímpeto em trazer durante seu percurso literário os tempos pueris, familiares e situações que foram sua ‘escola’ de vida. Sobre este assunto diz:

O meu objetivo [em *Pequenas Memórias*] sempre foi recuperar, reconstruir, reconstituir o menino que eu fui. Essencialmente, ao meu ver, todas as adolescências se parecem. Só as infâncias são únicas. De qualquer maneira, o meu livro pode ser entendido como o pagamento de uma

dívida. Eu creio que tudo o que sou devo àquele menino. Foi ele o meu arquiteto. (SARAMAGO *apud* AGUILERA, 2010, p. 316).

Por isso, todo o carinho e respeito ao falar de pessoas e coisas que o mundo até então desconhecia, mas que de súbito se veem registradas na história. Por isso, a espera de mais de trinta anos para, enfim, elaborar em *As Pequenas Memórias* sua infância de maneira simples e poética, uma narrativa resultante do contato do escritor com o mundo das letras, da poesia, do romance e de outros mundos literários que vinha ‘experimentando’ até então.

Por se tratar de percursos distintos do desenvolvimento do autor, (*Manual* remete indiretamente ao percurso estético, e *As Pequenas Memórias* ao desenvolvimento do autor quando jovem) tais obras correspondem à formação de Saramago como artista sob condições históricas e políticas variadas.

Em *Manual de Pintura e Caligrafia*, sobressai o valor do conceito de formação para o protagonista, evidenciado desde o início do relato, na incapacidade de acabar o segundo retrato de um cliente denominado como S., motivo pelo qual H. buscará uma nova forma de expressão, a escrita. Neste sentido, percebe-se a incongruência entre a postura artística que H. assume no começo, pintura acadêmica voltada para o capital, e o impulso de aprimoramento artístico ao qual se dedica.

A expansão das suas capacidades é projetada no futuro e sua existência apresenta-se como um estar a caminho da sabedoria de vida. As possibilidades e limites narrativos experimentados no *Manual* serão refletidos na produção vindoura de Saramago, sendo que as teias da totalidade da sua formação literária são representadas como contraste à imagem do autor ‘ainda não formado’.

Nesta obra, a visão de mundo e da arte será substancialmente transformada pela relação com a escrita e, também, com o aparecimento de M., mulher por quem H. se apaixona e que é vista como uma das vias de salvação deste retratista em crise, já que é peça fundamental para o seu novo direcionamento artístico.

No entanto, a “terapia da arte” (1997, p. 298), segundo Horácio Costa (1997) é, sem dúvida, o motivo principal do amadurecimento de H. A superação das tendências artísticas iniciais o levam, por fim, à reconciliação com a realidade política e social, na medida em que sua compreensão do mundo e o processo de autoconscientização avançam, ele vai abandonando a pintura mimética. Torna-se-lhe cada vez mais evidente que sua arte não é

capaz de oferecer respostas a sua busca, pois representa apenas uma parte da sua personalidade e formação prática.

Em todas as telas que pintasse H. estaria, no fundo, representando sempre a si mesmo, já que o desenvolvimento da personalidade humana só é possível na medida “em que forças existentes no interior de cada homem sejam despertadas e estimuladas para uma atividade fecunda, um confronto consciente com a realidade” (MAZZARI, 1999, p. 81). Este “confronto com a realidade” traz à tona a ideia de formação pela deformação, prática exercida por H. no segundo quadro de S. e no retrato dos Senhores da Lapa, além de ser um procedimento comum aos artistas modernos, que não dissociam pintor e arte, conduzindo em seus trabalhos a desconstrução do modelo, num continuado mergulho em si e no outro.

Se no *Manual* tem-se a dimensão da arte, da busca estética de um escritor que, transfigurado em personagem, reflete sobre a representação artística em geral e sobre sua literatura, em *As Pequenas Memórias* encontra-se a formação do homem e do artista que Saramago veio a ser. Nela, apresenta-se a formação do sujeito pelas raízes, evocada por lembranças, pessoas, lugares e episódios significativos.

A postura de Saramago frente a esses dois ‘moldes’ de sua formação mostra o vislumbre estético descoberto no *Manual*, colocado em prática, depois de uma longa espera, na escrita de *As Pequenas Memórias*. Ao contrário do exercício ficcional no *Manual*, nas *Pequenas Memórias* Saramago se assume como personagem, aliás, raríssima personagem jovem, se considerada as demais produções literárias de sua autoria. A interação de Saramago com o ambiente e com pessoas comuns da sua infância, revisitados pela sua memória, configuram um período imprescindível e influente para a sua formação civil e literária.

Pensando-se ainda nas equivalências dessas obras, além de acontecimentos relacionados à infância, são observadas em *Manual de Pintura e Caligrafia* correspondências entre a personalidade da personagem e a do autor. Esse é o caso da solidão, pois Saramago em várias ocasiões confirma a necessidade de estar só que também é uma necessidade de suas personagens¹¹. H. é acometido por momentos de isolamento e de aridez. Tal experiência, comum ao artista moderno, será algo constantemente presente na trajetória do protagonista que se vê “deserto e no deserto” (SARAMAGO, 1992, p. 156). Como um explorador das potencialidades artísticas, H. parece

11 Fernando Gómez Aguilera. *As Palavras de Saramago: catálogo de reflexões pessoais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Neste livro organizado por Aguilera encontram-se nas seguintes páginas (33, 38, 39, 44, 51,61) passagens que corroboram a personalidade solitária do escritor inúmeras vezes declarada pelo próprio Saramago.

encarnar o espírito de seu tempo no que concerne às artes, à literatura e à política, sendo responsável pela personificação das dificuldades formais que o cercam e que ocupam lugar nas complexas perspectivas do ato de escrever. Aliás, tal isolamento pode ser interpretado como alegoria do silêncio imposto pela ditadura Marcelista em Portugal, dado que a narrativa se passa em Lisboa, na década de 1970. O pintor almeja liberdade para pintar os retratos de forma mais original ao passo que, por trás das suas telas e da sua escrita, há um autor que aspira pela liberdade de produzir romances de maneira inovadora.

Neste contexto, a postura solitária da personagem H. está intimamente ligada a Saramago que, em *As Pequenas Memórias*, mostra a criança solitária que foi definida pelo adulto como “melancólica” (SARAMAGO, 2006, p. 16), qualidade configuradora de uma característica pessoal do escritor. Além dessas intersecções, há a crença na inexistência de um Deus (“Não há portanto Deus. São muitos os modos de o saber, e o meu me basta.” [*id.*, 1992, p. 106-107]) e o desgosto do autor ao falar de Portugal: “Em Milão, algumas paredes falavam, diziam palavras para mim insólitas, proibidas no meu país de desgosto e medo: “luta contínua”, “poder operário” (*ibid.*, p. 110) e “É de mim que falo, não de Goya, deveria falar de Portugal (se não fosse tão custoso), não de Espanha” (*ibid.*, p. 226).

Este desprazer em falar sobre sua pátria decorre, principalmente, da situação política ditatorial vivenciada pelo escritor. A insatisfação atingirá o auge quando o governo português, em 1992, exclui o *Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991) da lista de livros propostos ao PEN Club Português e ao Prêmio Literário Europeu. Sousa Lara, o subsecretário de Estado da Cultura na época, alega que a obra é “profundamente polêmica, pois ataca princípios que têm a ver com o patrimônio religioso dos cristãos e, portanto, longe de unir os Portugueses, desunia-os naquilo que é seu patrimônio espiritual”. (LARA *apud* LOPES, 2010, p.126). Depois deste episódio, Saramago muda-se de Lisboa para Lanzarote, nas Ilhas Canárias.

Por que o homem maduro que renega Portugal o revisita no relato da sua infância? E ainda, de que maneira a pátria constitui a identidade do escritor nas duas obras? Há, certamente, grandes diferenças nos espaços portugueses retratados em *Manual de Pintura e Caligrafia* e em *As Pequenas Memórias*. Em ambas, a descrição espacial promove um local particularizado de reflexão onde o sujeito, no caso o autor, cultua a si e ao outro em suas relações à medida que avança pelos territórios da escrita. Em sua autobiografia, Saramago pinta com palavras sua aldeia, mostrando um país rústico, em harmonia com o homem e a natureza; dado fundador, ligado as

suas origens e ao local do seu nascimento. Já no *Manual*, o espaço é urbano, área acolhedora de um ambiente hostil às voltas com o Estado Novo.

Apesar dessas diferenças, ambos os textos trazem questões históricas e políticas vivenciadas por Saramago. Em *As Pequenas Memórias*, há a passagem em que critica a Comunidade Europeia que destruiu os olivais de Azinhaga, substituindo-os pelos milharais, atividade mais rentável; e reproduz (de maneira menos frequente se comparada ao *Manual*) acontecimentos e figuras históricas, relacionadas à ditadura, que também aparecem no *Manual*, caso da Guerra Civil Espanhola e dos ditadores Salazar, Franco e Mussolini. Em ambos os textos, Lisboa representa, alegoricamente, uma grande personagem, mostrando as nuances de um panorama histórico semelhante em épocas e espaços distintos.

Como retrato da arte, o *Manual* mostra Portugal em tempos difíceis, época marcada pela repressão e censura cultural, revelando as dificuldades de expressão e as limitações do intelectual. Por ser um escritor preocupado com a História, o presente e o futuro do país, Saramago estabelece vínculos literários e políticos em Lisboa, difundindo em algumas de suas obras (como em *Manual de Pintura e Caligrafia*) um ambiente urbano em que sobressai o imaginário lisboeta.

As Pequenas Memórias, por sua vez, trazem o retrato do artista quando criança, revelando outras faces de um país em que foram constituídas suas raízes identitárias. Em Azinhaga, Saramago identifica seu espaço de referência, por excelência o da origem, coletando lembranças dos tempos juvenis e registrando, nas palavras de Fernando G. Aguilera (2010), seu “genoma humano e moral: onde articula literariamente sua própria mitologia fundacional, convertendo-a para sempre numa mitologia literária.” (p. 24).

Outra peculiaridade se dá no tratamento diferenciado da ficção em ambos os textos, que permite a problematização dos limites entre as categorias empíricas e imaginárias do autor e narrador, assim como checar as sutilezas dos diferentes ‘pactos’ (romanesco e autobiográfico) propostos ao leitor. Os recursos ficcionais aparecem de maneiras distintas: no *Manual* como experimento, busca de uma expressão autêntica. Sua tonalidade ensaística problematiza as oposições entre ficção e não ficção. Em *As Pequenas Memórias*, o escritor hábil com o seu estilo usa a invenção para proporcionar vida e poeticidade a um momento único, a partir de uma narrativa mais literária do que diarística. Este uso de recursos romanescos no relato memorialístico é o que permite a quem o lê checar mais de perto a verdade individual do autor.

Por meio do ficcional, estas obras desfazem a noção de que a narrativa íntima deve compreender o histórico completo sobre o

autor/narrador. Tanto a história de Zezito, nas *Pequenas Memórias*, como a da personagem H., no *Manual*, abarcam apenas parte da vida do escritor e mostram que tanto os romances com laivos autobiográficos como os textos memorialísticos com traços literários trazem à tona o problema da representação, revelando que as ‘narrativas do eu’ são apenas uma tradução simplificada do autobiógrafo.

Em suma, pode-se dizer que produzindo o exercício de como representar-se desde os tempos do *Manual*, Saramago elabora uma manobra artística de como retratar-se pela sua literatura, colocando em prática a representação aprendida na autobiografia que assina. Neste trajeto, *As Pequenas Memórias* trazem um caminho inverso ao do *Manual*, valendo-se da realidade que apela à invenção, ao passo que no romance ocorre o contrário. Deste modo, a ficção na autobiografia e os aspectos autobiográficos oblíquos no romance revelam a natureza literária de textos que se pretendem diferentes: nas *Pequenas Memórias* o imaginário é meio para questionar a veracidade; no *Manual*, os vestígios autobiográficos são forma de problematizar a genuinidade ficcional.

Por último, pode-se dizer que Saramago num árduo projeto autobiográfico se preocupou com a permanência de sua literatura e de si, cultivando um público que se deleita com a qualidade estética de seus textos, ou que se indigna diante das ousadias formais e do compromisso ideológico que o escritor sempre demonstrou dentro e fora dos livros. Suas obras solicitam dos leitores, por meio do diálogo direto ou não, certa dedicação intelectual e emocional para pensar sobre as mais diversas questões da sociedade contemporânea. Saramago escrevia para desassossegar e para que não se perdesse o ser que um dia foi e que hoje permanece, de certa forma, em seu discurso. Em outras palavras, deixou como legado retratos fragmentados do artista em sua arte.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Fernando Gómez. *As palavras de Saramago*: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. Seleção e Organização de Fernando Gómez Aguilera. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ARNAUT, Ana Paula. “The child that I am”: José Saramago’s *Memories of my Youth*. In: *Dublin Review of Books*, [s.l], v. 2, 2007. Disponível em: <www.drbr.ie>. Acesso em 11 out. 2010.

COSTA, Horácio. *José Saramago: o período formativo*. Lisboa: Caminho, 1997.

LOPES, João Marques. *Saramago: biografia*. São Paulo: Leya, 2010.

MAZZARI, Marcus Vinicius. Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister como protótipo do romance de formação. In: _____. *Romance de formação em perspectiva histórica: O Tambor de Lata de Gunter Grass*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999. p.67-87.

MENDES, Miguel Gonçalves. *José e Pilar: conversas inéditas*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

OLIVEIRA FILHO, Odil José de. As tentações da memória: sobre *As Pequenas Memórias*, de José Saramago. In: *Revista Labirintos*. Bahia: UEFS, 2008. Disponível em: <http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/02_2008/04_artigo_odil_jose_de_oliveira_filho.pdf>. Acesso em 30 abr. 2009.

REIS, Carlos. *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Caminho, 1998.

SARAMAGO, José. *A Bagagem do Viajante*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *As Pequenas Memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Deste Mundo e de Outro*. Lisboa: Caminho, 1986.

_____. *Manual de Pintura e Caligrafia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Memorial do Convento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. *Objecto Quase*. Lisboa: Caminho, 1986.

_____. *O Caderno: textos escritos para o blog, setembro 2008 – março 2009*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *O Caderno 2: textos escritos para o blog, setembro 2008 – novembro 2009*. Lisboa: Caminho, 2010.

_____. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. *Todos os nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Data de recebimento: 15 jun. 2015.

Data de aprovação: 03 ago. 2015.